A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESCONSTRUINDO CONCEITOS ERRÔNEOS EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA

Camila Campos Vizzotto ALDUINO, UNESP – Câmpus Araraquara

Marcia Cristina ARGENTI, UNESP – Câmpus Araraquara

Eixo 10 - Gênero e sexualidade na Educação

Agência Financiadora: CAPES

ccv.alduino@unesp.br

Palavras-chave: Infância. Sexualidade. Formação Continuada.

Resumo

A rotina de trabalho nas instituições escolares nos permite afirmar que o tema da sexualidade se faz por um silenciamento, imbuído de muitos tabus, preconceitos e conceitos errôneos. Assim, apresentamos como objetivo compreender e investigar as percepções e concepções das profissionais da Educação Infantil sob a sexualidade infantil em um projeto de intervenção em formação continuada, bem como exibir as percepções discursivamente após os encontros formativos. Para tanto, esta pesquisa se faz por qualitativa, descritiva e exploratória, com fundamentação teórica na psicanálise e nos diálogos com os estudos sociais da infância. As participantes foram as profissionais da Educação Infantil de uma rede municipal de uma pequena cidade do interior paulista. A pesquisa-ação e o método psicanalítico de investigação científico foram os recursos metodológicos utilizados, nos instrumentos do questionário, a observação e o projeto de intervenção. Como resultados, a concepção das docentes está pautada em uma criança assexuada, com referência às descrições biológicas e em decorrência direta do meio externo. Com a efetividade dos encontros formativos frente as reflexões, discussões e aprofundamentos científicos, a sistematização de estudo realizada no final do projeto exibe relatos sobre a importância dos encontros, no cuidado com as palavras e exposição as crianças, nas reflexões sobre as dinâmicas familiares, no reconhecer a sexualidade como processual e desenvolvimentista, e nos reconsiderarem suas ações práticas frente as manifestações sexuais das crianças dentro da escola. Ainda que diante de conservadorismos políticos, sociais, culturais e movimentos defensivos psiquicamente, o projeto pôde favorecer nesta tão fundamental e silenciada temática.

Palavras-chave: Infância. Sexualidade. Formação Continuada.

1. Introdução

Refletir sobre as crianças, a infância e as instituições escolares é certamente refletir sobre a sexualidade humana. Sabemos que abordar a sexualidade dos seres humanos se faz por um tema polêmico, imbuídos de muitos tabus, preconceitos, pré-conceitos, além de

que sua abordagem permeie por um terreno delicado e argiloso. E, ao anunciar a sexualidade infantil, esta discussão se torna mais intensa e impetuosa.

Além disso, e frente a certeza de que considerar os aspectos da sexualidade nas crianças, é preciso, antes de mais nada, considerar as concepções dos adultos cuidadores. Concepções estas que se desdobram das trajetórias históricas, sociais e culturais de criança e de infância, bem como das relações que estabelecem afetivamente e psiquicamente em cada um, as quais revelam a existência de conflitos emocionais sob as questões de sexualidade na própria infância.

Diante da nossa rotina e atribuições de trabalho nas distintas instituições escolares, as evidências nos apresentam de que é um tema urgente e necessário. Evidências estas aos nos depararmos com os espantos frente as manifestações sexuais das crianças, o enrubescer facial das docentes, a mão na boca que esconde a fala, o tom de voz que se abaixa, os castigos, os encaminhamentos para tratamento especializado, os diálogos com os pais, entre tantos outros comportamentos dos educadores no ambiente escolar.

Isto nos permite dizer que, embora o tema da sexualidade infantil seja um aspecto raramente abordado na rotina da escola, em especial na educação infantil, não significa dizer que seja um tema despercebido e ignorado pelo corpo docente. Neste sentido, e segundo Bleger (1992), a atuação do psicólogo institucional se faz eficaz justamente em poder propiciar as exteriorizações dos conteúdos latentes, que se mostram velados e inconscientes, na proposta de favorecer à ‘psico-higiene’ institucional. Conteúdos latentes estes que podem abrir possibilidades, ou não, para a efetivação de educar uma criança para a sexualidade.

É fato que as múltiplas e diferentes perspectivas teóricas e conceituais, acrescido da trajetória histórica e as heranças culturais e sociais, bem como as concepções psíquicas e arraigadas internamente se fazem por dificultar o processo das transformações e desconstruções tão necessárias atualmente.

Desta maneira, este trabalho – que é um recorte de uma pesquisa publicada como dissertação de mestrado – apresenta como objetivo geral compreender e investigar as percepções e concepções das profissionais da Educação Infantil sob o tema da sexualidade infantil em um projeto de intervenção em formação continuada, bem como poder apresentar as percepções discursivamente após os encontros formativos.

2. Fundamentação Teórica

Frente as transformações sociais e culturais da sociedade, Ariès (1981), baseado nos registros históricos disponíveis datados durante a Idade Média, como os diários, as pinturas, os testamentos e as iconografias, postula significativas mudanças nas concepções de infância e de infância. A indistinção dos adultos para com as crianças se

fez muito marcante durante este período na história da humanidade e o referido autor descreve exemplos como os trajes e vestimentas, as brincadeiras e os jogos, bem como os jogos sexuais, para o qual utiliza a expressão ‘adulto em miniatura’. Para além da invisibilidade social das crianças, Sarmento (2007) conceitua a não existência de conceitos acerca de infância e destaca a marginalidade social que eram tratadas.

Especificamente sobre o tema da sexualidade, Ariès (1981) narra que as brincadeiras e os jogos sexuais dos adultos para com as crianças eram motivos de diversões, os quais se faziam muito comuns. Neste sentido, a concepção de criança alheia e indiferente ao aspecto da sexualidade se fez presente neste período histórico. A não privacidade existente na Idade Média também é um outro aspecto que favoreceu para estas concepções, assim como pontua Postman (2006).

Vale a pena mencionar que, a todos estes aspectos, se davam por concepções e percepções datadas e presentes em uma época distinta da que conhecemos atualmente, o que não significa dizer que as crianças eram negligenciadas ou abandonadas, conforme menciona Ariès (1981). O autor continua e afirma que a mortalidade infantil foi significativamente favorecedora para que esta concepção estivesse presente.

As transformações sociais e culturais através das reproduções artísticas por volta do século XIII são algumas evidências que, ainda que tímidas e pequenas, as concepções de criança e de infância foram se modificando ao longo do tempo. Mais tarde e conforme postulado por Sarmento (2007), outras transformações sociais evidenciam tais modificações, tais como a emergência do capitalismo, a efetivação da escola pública e a renovação do pensamento teocêntrico. A invenção da prensa tipográfica, descrita por Postman (2006) também contribuiu significativamente para a segregação entre o mundo adulto e o mundo infantil, na justificativa de que a criação de um mundo simbólico favoreceu para que as crianças fossem excluídas.

O desenvolvimento da ciência, no século XIX, possibilitou a conquista de um espaço único e próprio às crianças e a infância, com vistas a uma fase específica do desenvolvimento com suas particularidades e especificidades. As publicações de livros pediátricos também são demais referências que reforça o espaço destinado exclusivamente para as crianças e a infância propriamente dita.

Com vistas ao mundo contemporâneo, estamos assistindo uma indistinção do mundo infantil e ao mundo infantil, em que o autor Neil Postman (2006) nomeia como ‘desparecimento da infância’, com exemplos cotidianos através das vestimentas, linguagem, criminalidade, e também sobre a sexualidade; bem como a inserção de jogos eletrônicos postos na cultura lúdica, a televisão, o cinema, o celular e a internet. O referido autor retrata mudanças psicológicas importantes neste sentido e aponta a televisão como iniciador deste aspecto.

Sobre a campo da sexualidade, em especial, o percurso histórico obviamente também se faz importante nesta área do conhecimento. Como citações, mencionamos aqui as descrições apontadas por Garton (2009) e Ribeiro (2009) sobre as práticas sexuais explícitas e comuns na Antiguidade, as permissões e proibições instituídas pela Igreja Católica na Idade Média e a repressão sexual como moral e reacionista contrária a libertinagem aristocrática na Idade Contemporânea.

Enquanto área específica e científica do saber, a sexualidade nasce do contexto frente à influência direta do cristianismo no século XIX, na ocupação da medicina por classificar, instituir regras e normas aos indivíduos, com desdobramentos diretos na educação da cultura moral (Ribeiro, 2009). Já no contexto brasileiro, a objetificação da mulher indígena e negras advindas da escravidão são importantes para compreender o contexto histórico, bem como as contradições presentes na ordem social patriarcal e a instituição da Igreja Católica (Parker, 1991). Mais tarde, a suspensão do campo da sexualidade imposta pelo regime político de 1964, com a retomada após de 1980 no surgimento da AIDS, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a liberdade sexual com o advento da pílula anticoncepcional também são importantes para compreendermos este contexto brasileiro.

Diante da perspectiva psicanalítica e de acordo com o fundador da psicanálise, a sexualidade é concebida enquanto uma pulsão, com postulações de sua existência desde o nascimento, no qual afirma a sexualidade como um aspecto central e determinante para a constituição psíquica das crianças e, consequentemente, para os adultos (Freud, 1905/2016). O autor descreve a sexualidade como etapas evolutivas do desenvolvimento, em que suas manifestações sexuais seguem determinadas especificidades, de acordo com a idade da criança, como a fase oral, anal e fálica. Apesar de pulverizado erroneamente pelo senso comum, a repressão da sexualidade como regente, na qual possibilita a regulamentação da vida e convivência em sociedade é também descrita por Freud (1930/2016).

Ainda na psicanálise, Melanie Klein (1926/1981) inaugura uma técnica e teoria específica para o acesso ao inconsciente das crianças, e postula as angústias, a agressividade e os impulsos sexuais muito mais precoces do que o postulado por Sigmund Freud.

Frente à diversidade de perspectivas nesta área do saber, a qual abrange uma multiplicidade de fatores, não podemos deixar de mencionar neste trabalho a função docente que transpassa a transmissão de conhecimento, na qual a sexualidade está imbuída neste contexto, além de suas múltiplas diversidades de manifestações.

Além disso, o desenvolvimento da integralidade do desenvolvimento da pessoa prevista na Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) se faz aqui relevante, no qual

ressaltamos a qualidade das relações existentes como essenciais no cotidiano da escola, e que estão assentados, conforme preconiza Klein (1921/1981), o desenvolvimento cognitivo, social e psíquico dos seres humanos.

3. Método

Com o objetivo de compreender e investigar as percepções e concepções das profissionais da Educação Infantil sob o tema da sexualidade infantil em um projeto de intervenção em formação continuada, esta pesquisa se caracteriza, conforme Gil (2008), por uma pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa, a qual se propõe a descrever e explorar os fenômenos observáveis.

Para tanto, é certo que as vivências e lutas diárias daquelas que desempenham o trabalho na rotina do dia-a-dia se faz muito significativo, o 'Projeto de Intervenção em Formação Continuada' contou com seis encontros formativos, em que a pesquisa-ação se mostra adequada neste contexto. A participação ativa e a possibilidade de intervenção no decorrer de todo o processo (Tanajura e Bezerra, 2015), na necessidade de suprir as lacunas existentes entre a teoria e a prática (Engel, 2000), se fizeram presentes no desenvolvimento do projeto, na essencialidade da escuta e do diálogo rumo as desconstruções e desmistificações, a fim de que possam se desdobrar nas práticas cotidianas na escola.

Neste sentido, e na proposta de que os aspectos velados e inconscientes, que reverberam as concepções psíquicas e emocionais das docentes atuantes nesta etapa de ensino, nas interfaces com as trajetórias históricas, construídas cultural e socialmente, este trabalho fundamenta-se na psicanálise, no interjogo com os estudos sociais da infância.

As profissionais atuantes na educação infantil de uma rede municipal de educação de uma pequena cidade do interior norte paulista foram as participantes da pesquisa, no total de 2 coordenadoras pedagógicas, 8 diretoras escolares e 94 docentes.

Como instrumentos foram utilizados a observação, um questionário e o projeto de intervenção em formação continuada. No recorte deste específico trabalho, duas perguntas selecionadas presentes no questionário aplicado no primeiro encontro – e que estão descritas em conjunto com as análises posteriores – na contraposição da sistematização de estudo realizada no último dia da formação continuada, após a efetividade dos encontros formativos nos possibilitou observar as devidas desmistificações e desconstruções sob esta polêmica e delicada temática.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi devidamente assinado, em primeira instância pela secretária da educação responsável e, posteriormente por todas as participantes.

4. Resultados e Discussão

A efetiva possibilidade de elaborar e realizar um projeto de intervenção em formação continuada com todas as profissionais atuantes da Educação Infantil nesta rede municipal de ensino nos forneceu um valioso instrumento para a compreensão e investigação das concepções docentes acerca de criança, infância, sexualidade na infância, educação sexual e também sobre as práticas frente as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar. Para além da coleta de dados, estes encontros formativos configuraram-se no aprofundamento dos conhecimentos científicos, no aprimoramento das ações práticas no cotidiano, rumo as desmistificações e desconstruções de conceitos errôneos, tabus e preconceitos.

Neste trabalho, e como proposta, o apresentar se faz pelas concepções das profissionais acerca de sexualidade infantil coletada durante todo a execução do projeto, especificamente através de duas perguntas do questionário no primeiro encontro, na contraposição do demostrar, ainda que discursivamente, tímidas e pequenas transformações, os relatos acerca deste conhecimento através de uma sistematização dos encontros realizada no último dia do projeto.

A pergunta aberta feita no questionário sobre "o que elas entendem por sexualidade infantil" revela que suas concepções se pautaram, em sua grande maioria, em criança assexuada. As falas das participantes, como *"tudo que ela faz é sem maldade ou malícia"* (sic), *"criança com comportamento de adulto, sabe fazer coisas que não são para sua idade"* (sic) e *"criança tem que brincar e ser feliz"* (sic) expressam tal concepção citada. Como justificativas, as menções se dão em descrições biológicas e em decorrência direta do meio externo, com narrativas como *"é a descoberta do corpo, de partes prazerosas e de necessidades fisiológicas"* (sic), *"os desejos sexuais, a diferença entre o masculino e o feminino, os órgãos genitais"* (sic), *"aguça a curiosidade principalmente na adolescência"* (sic), bem como *"quando ela vivencia ou presencia alguma coisa relacionada ao sexo"* (sic) e *"reproduzem o que veem em filmes, novelas, família"* (sic).

Ainda que em uma minoria, os demais aspectos presentes nestas respostas foram: os dessaberes – *"vem a curiosidade e perguntas que as vezes não sabemos responder"* (sic) –, a falta de clareza – *"comportamento sexual das crianças"* (sic), os sinônimos de questões relacionadas ao gênero – *"é a separação de cor, objeto, brinquedo e brincadeiras entre menino e menina"* (sic) e a necessidade de orientações de um adulto – *"sexualidade precisa ser ensinada desde pequeno o que pode e não pode"* (sic).

Diante destas respostas e na utilização de alguns dados histórico-culturais, além da psicanálise como fundamentação na análise dos dados, os quais nos conduz afirmar que a sexualidade apresenta uma trajetória na história da humanidade e que se faz presente nos seres humanos desde a mais tenra idade, podemos afirmar que acreditar na

assexualidade das crianças “[...] não é um erro qualquer, mas de grandes consequências” (Freud, 1905/2016, p. 73). É óbvio que os aspectos biológicos devem ser considerados, nas decorrências das estimulações externas, no interjogo com os fatores internos, psíquicos, maturacionais (Freud, 1905/2016; Klein, 1926/1981), além dos aspectos culturais e sociais tão ainda presente na nossa sociedade atual. Contudo, as respostas fornecidas e exemplificadas acima decorrem de concepções puramente biológicas, com referências acerca da curiosidade, interesse e descoberta do próprio corpo. Demais respostas foram pautadas nas influências diretas e tão somente do meio externo, com exemplos da televisão, família, amigos e sociedade em geral.

Na outra pergunta aberta sobre “o presenciar, ou não, as manifestações sexuais no ambiente escolar durante suas atribuições diárias de trabalho”, é importante mencionar que 39 participantes responderam ‘não’ para esta questão. Com isso, a incidência de docentes que disseram nunca terem presenciado nenhum comportamento sexual na escola foi expressivo, sob o número de um pouco a mais de 40% das participantes. Diante disso, é possível refletir e afirmar que, obviamente, as manifestações sexuais estão presentes e continuam a existir, mas o olhar frente a uma criança pura, angelical e bondosa favorecem para que tais docentes descrevam nunca terem presenciado nenhuma manifestação sexual na escola, o que nos revela também como referências diretas de uma concepção de ausência de sexualidade na infância.

Sobre estre aspecto, o pai da psicanálise descreve:

> É bastante fácil explicar por que a maioria das pessoas, sejam observadores clínicos ou não, prefere nada saber sobre a vida sexual das crianças. Elas esqueceram sua própria atividade sexual infantil, sob a pressão da educação para a vida em sociedade, e não desejam ser lembradas do que foi reprimido. Chegariam a outras convicções se iniciassem o exame com uma autoanálise, uma revisão e interpretação de suas lembranças infantis” (Freud, 1910/2016, p. 203).

Nesta perspectiva, fica explícita a ideia de que as transformações rumo as tão sonhadas desmistificações e desconstruções de criança assexuada não se faz por um aspecto simples e rápido. Falar de sexualidade das crianças e nas crianças é, antes de qualquer coisa, falar da sexualidade dos adultos cuidadores.

Desta maneira, fica clara e evidente a importância que tais aspectos sejam contemplados no ‘Projeto de Intervenção em Formação Continuada’, a fim de que as docentes responsáveis pela educação das crianças na escola possam se beneficiar dos conhecimentos científicos, deixarem de propagar o senso comum, nos desdobrares na prática cotidiana.

Ainda sob esta pergunta em presenciar manifestações sexuais infantis na escola, as demais respostas que assinalaram como ‘sim’ continham narrativas com apontamentos de explicitude sexual com e sem contação genital. As falas das participantes *“menina*

mostrando seu órgão genital para um menino" (sic), *"crianças se beijando"* (sic), bem como *"meninas se esfregando uma na outra"* (sic) e *"crianças só falam de sexo"* (sic) exibem tais conotações. As justificativas contidas nas respostas recaíram nas influências do meio externo, em especial, nas dinâmicas familiares, com exemplos de *"crianças fazendo gestos, como se tivessem vendo algo parecido em casa"* (sic) e *"posições como já viram alguém tendo uma relação sexual"* (sic).

Na posse destas informações, cada encontro formativo contemplou um tema, com atividades práticas e dinâmicas acerca da temática da pesquisa. O primeiro encontro se deu como o espaço para o preenchimento do questionário, que fomentou mais um dado relevante para a coleta de dados, além do desenvolvimento do próprio projeto em si. No segundo encontro, a exposição contou com a trajetória histórica e cultural de infância e de criança desde a idade média, com direcionamento das perpetuações carregadas socialmente e culturalmente, nas influências das relações estabelecidas até os dias atuais.

No encontro seguinte, as noções básicas de sexualidade humana, sua trajetória histórica e cultural, com introduções de educação sexual, no objetivo de reconhecer a sexualidade como parte desenvolvimentista foi o tema central. O quarto encontro se deu para as diversas transformações das configurações familiares ao longo dos tempos, as necessárias relações afetivas com as figuras parentais e as fases psicossexuais do desenvolvimento infantil.

Uma revisão rápida e prática dos conceitos já abordados, a fim de refletir determinados tópicos presentes nas respostas fornecidas no questionário acerca das manifestações sexuais das crianças na escola foi o tema do quinto encontro. Por último e como encerramento, algumas indagações e reflexões foram discutidas a partir do cotidiano das escolas desta rede municipal de ensino e seus possíveis desdobramentos práticos. Foi neste último dia desta formação continuada que as docentes preencheram uma sistematização de estudo com o intuito de verificarmos suas percepções e as modificações – ou não – acerca desta temática sensível e delicada, mas extremamente relevante na prática docente. Esta sistematização foi dividida em tópicos para que pudessem se expressar acerca de cada tema abordado nos diferentes encontros.

Neste momento, valemo-nos de apresentar os indicativos desta sistematização de estudo. Os professores relataram a importância dos conhecimentos adquiridos, principalmente, sobre a aplicabilidade na rotina diária, bem como repensarem suas ações dentro da escola.

Descrições acerca dos acontecimentos sociais ocorridos há muitos anos atrás, os quais permeiam e continuam a existir até os dias atuais foram também os aspectos trazidos pelos educadores neste tópico, com narrativas de *"de como as coisas aconteceram e ainda*

continua acontecendo" (sic) e *"refletir sobre as inúmeras mudanças nos significados de concepção de infância"* (sic).

A compreensão das manifestações sexuais frente a maturação biológica e psicológica foi outro aspecto expressivo citado por diversos profissionais da educação com descrições de *"ficou mais claro que a criança possui fases e que antes considerava inapropriado para a idade"* e *"muitas coisas fazem parte do desenvolvimento da criança"* (sic). Ainda assim, relatos como *"nem tudo que vê às vezes pode antecipar a sexualidade ou não"* (sic), *"que nem sempre o que a criança faz, ela tem compreensão do que está fazendo"* (sic) e *"devemos sentar conversar com a criança o porquê daquele ato, porque as vezes foi ingênuo"* (sic) refletem também descrições que não reconheceram a sexualidade como constituinte do desenvolvimento.

Outro fator importante e, que para nós, apresenta uma dimensão grandiosa, são as referências dos conhecimentos adquiridos e sua aplicabilidade prática. Narrativas como *"me fez repensar em atitudes que já foram tomadas incorretamente"* (sic), *"para melhor orientar com cuidados as crianças"* (sic) e *"para saber como lidar com a sexualidade infantil e refletir sobre a nossa prática docente"* (sic) descrevem as menções das docentes de como o conhecimento foi importante com relação às crianças, com relação às próprias condutas e atitudes, bem como na aplicabilidade das duas interfaces conjuntamente, isto é, tanto com relação às crianças como nas suas próprias atitudes no ambiente escolar.

À vista disso, os indicativos com referências em precisar tomar cuidado com as palavras e as situações constrangedoras, no repensar nas individualidades de cada família, com respeito e explicações constantes sobre o tema da sexualidade, bem como o reconhecer a existência de fases psicossexuais e suas devidas singularidades são exemplos que parecem difíceis de serem mensuráveis o alcance disso tudo...

É claro que as resistências internas, sociais e culturais continuaram a insistir! Processos estes que talvez sejam os fatores impeditivos e dificultadores de toda a possibilidade de transformação e desmistificações que enfrentamos, apesar do conhecimento científico nos fornecer subsídios para postular suas relevâncias. Neste sentido, nos parece certo dizer que falar de sexualidade é também um ato de resistência de nós, pesquisadores, na somatização, de ser um ato de resistência para alguns que exercem a função de trabalhadores escolares, bem como para alguns pais.

Todavia e cientes da existência de mecanismos de defesa (1926/2016), nos discursos conservadores e sociais que insistem em não abordar tais temas no ambiente da escola, nos parece certo afirmar os benefícios alcançados com este 'Projeto de Intervenção em Formação Continuada', além dos pedidos explícitos por mais encontros.

Defronte das percepções das professoras mencionadas acima, o reconhecer e perceber de que a sexualidade perpassa por etapas de desenvolvimento, na qual estão

imbuídos diversos e distintos fatores, como os aspectos afetivos, sociais, culturais, históricos, os quais atravessam, em especial, pelo respeito e cidadania, se fazem essenciais na construção de uma infância tão idealizada por todos nós, na luta e combate dos tabus, preconceitos e conceitos errôneos.

Diante disso tudo, a análise das narrativas produzidas pelas participantes ao longo do processo formativo evidencia que a formação continuada, sustentada pelo diálogo, pela escuta qualificada e pelo embasamento científico, constituiu-se como um espaço potente de ressignificação das práticas pedagógicas e das concepções já cristalizadas intrínseca e historicamente sobre infância e sexualidade.

Ainda que os discursos conservadores, os mecanismos defensivos e os atravessamentos culturais e psíquicos permaneçam presentes no cotidiano escolar, os relatos das docentes demonstram movimentos importantes de deslocamento conceitual e reflexivo, sobretudo no reconhecimento da sexualidade como dimensão constitutiva do desenvolvimento humano e na necessidade de intervenções pedagógicas mais conscientes, éticas e acolhedoras.

Assim, na medida em que estes conteúdos latentes são possíveis de expressão e encontram-se, portanto, em consonância com a função do psicólogo institucional, tais resultados apontam que a problematização coletiva das experiências escolares, articulada à fundamentação teórica, favorece não apenas á ampliação dos conhecimentos profissionais, mas também à construção de posturas pedagógicas mais críticas e humanizadas diante das manifestações infantis, contribuindo para a consolidação de uma prática educativa comprometida com o respeito às infâncias, à diversidade e aos direitos das crianças.

5. Considerações Finais

Frente ao objetivo proposto, o efetivar de um projeto de intervenção em formação continuada às profissionais da educação na etapa da Educação Infantil em uma rede municipal de ensino nos permitiu compreender e investigar as percepções e concepções das profissionais da Educação Infantil sob o tema da sexualidade infantil em um projeto de intervenção em formação continuada, bem como poder apresentar as percepções discursivamente após os encontros formativos.

Os diversos instrumentos utilizados, e que neste trabalho em especial destacamos duas respostas oferecidas no questionário, além das observações, das dinâmicas, das atividades, dos comportamentos verbais e não verbais, construídos e assentados na escuta e no diálogo, permitiram a expressividade das vivências do cotidiano escolar. Diante disso tudo, nos é possível afirmar que as participantes da pesquisa, em sua grande maioria, conceberam a não existência de sexualidade em crianças, considerando-as, portanto,

como seres assexuados. Entretanto, nos discursos que reconhecem e presenciam a sexualidade no cotidiano escolar, as respostas fornecidas nos revelam seus dessaberes e falta de clareza sob este tema, em que relacionam sexualidade com gênero, bem como atribuir ao campo da sexualidade a expressão pura e simplificada de atividade genital.

Com isso, e na certeza de que tais conceitos errôneos precisam e devem encontrar espaços para que possam ser desmistificados, no trazer a luz da ciência e em suas aplicações práticas na rotina da escola, os encontros oportunizaram momentos de estudos, aprofundamentos, reflexões e discussões. Ainda que os processos dificultadores e impeditivos permearam todo o desenvolvimento do projeto, no saber que não estaremos livres destes fatores internos, sociais, históricos, culturais e políticos, os discursos presentes na sistematização do estudo final se desdobraram em pedidos explícitos por mais encontros, na referência do cuidado e do poder de uma palavra, no repensar das particularidades familiares, no reconhecer das evolutivas etapas psicossexuais da sexualidade, bem como as perpetuações históricas que continuam a existir atualmente. Para além disso tudo, a grandiosidade também recai por reconsiderarem discursivamente suas ideias e atitudes frente as manifestações sexuais das crianças dentro da escola.

Desse modo, o estudo reafirma a urgência de inserir a temática da sexualidade infantil nos espaços de formação docente inicial e continuada, na qual possa compreender como dimensão inseparável do desenvolvimento integral da criança e da própria função social da escola. O silenciamento histórico que atravessa essa temática produz práticas marcadas pelo medo, pela repressão e pela reprodução de concepções reducionistas, o que dificulta os educadores no reconhecimento das manifestações infantis para além de interpretações moralizantes ou biologizantes.

Nesse cenário, a pesquisa demonstra que, o acesso ao conhecimento científico, aliado à reflexão crítica sobre as próprias trajetórias, crenças e experiências subjetivas, no permitir dos diálogos e vivências diárias, além de contribuir com a ‘psico-higiene’ institucional, possibilita a construção de novos olhares sobre a infância e sobre o fazer pedagógico. Mais do que promover mudanças discursivas pontuais, o processo formativo revelou potencial para mobilizar transformações éticas, relacionais e institucionais, no fortalecer das práticas educativas pautadas no acolhimento, no respeito às singularidades infantis e na promoção de uma educação comprometida com os direitos humanos, com a cidadania e com a formação integral das crianças.

6. Principais referências

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC,1981.

BLEGER, José. Psico-higiene e Psicologia Institucional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso 29 abr 2026.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. Educar, n 16, p. 181-191. Editora da UFPR, 2000.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: Sigmund Freud Obras Completas Volume 6 – Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (original de 1905).

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar da Civilização. In: Sigmund Freud Obras Completas Volume 18 – O Mal Estar da Civilização. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (original de 1930).

GARTON, Stephen. História da Sexualidade: Da antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6°ed. São Paulo: Atlas,1991.

KLEIN, Melanie. O desenvolvimento de uma criança. In: Contribuições à Psicanálise. Tradução: Miguel Maillet. 2a. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981. (original de 1921).

KLEIN, Melanie. Psicanálise da criança. Tradução: Pola Civelli. 3a. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981. (original de 1926).

PARKER, Richard. Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 1991.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 2006.
RIBEIRO, Paulo Ribeiro Marçal. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide. (Org.) Educação sexual: Múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: UEL, 2009. p. 129-140.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs). Infância (In)Visível. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007. p.23-49.

TANAJURA, Laudelino Luiz Castro; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: Aproximações e especificidades metodológicas. In: Revista Eletrônica Pesquiseduca, Santos: v. 07, n. 13, p.10-23, jan.-jun, 2015.